



Uma festa de luz



O 25 de dezembro já era dia de festa muito anos antes de o Natal ser criado. Foi o papa Julio I, trezentos e poucos anos depois da morte de Cristo, o responsável por determinar que nesta data o mundo cristão iria comemorar o nascimento do filho de Deus. Ele aproveitou-se da data em que povos do norte europeu comemoravam o solstício, que marca a noite mais longa do ano. Para eles, era a celebração do renascimento do sol.

A data do nascimento do Salvador ninguém sabe; nem o ano, aliás. Se o rei Herodes, que teria mandado matar todos os recém-nascidos para executar o Messias, morreu quatro anos antes do ano 1, Jesus teria de quatro a seis anos mais do que a tradição marca.

E, antes de tudo isso, a igreja Católica guardava o dia para homenagear Adão e Eva, festa estranha, porque o casal teria sido responsável pela expulsão da humanidade do paraíso, jogando bilhões de descendentes neste vale de lágrimas. Nada disso importa muito hoje.

Os séculos passaram, e a festa se solidificou como uma data de esperança e reflexão.

É uma festa de luz, mas carregada de símbolos, a começar pelo Papai Noel, que ainda mete medo em muitas criancinhas. Os tempos modernos e carregados não permitem mais que elas fiquem sentadas no colo do bom velhinho, mas algumas ainda se aproximam e até cochicham alguma coisa nos ouvidos cercados de barba de algodão; outras choram copiosamente, como aconteceu semana passada num shopping da cidade.

Noel é uma invenção alemã, exportada para todo o planeta pelos ingleses e adotada por uma marca de refrigerante. Nem sempre teve a roupa vermelha; nos primeiros tempos, circulava com as vestes de um bispo mesmo, como identidade secreta de São Nicolau, que passou para a história como um turco generoso — exemplar raro, se a lenda urbana for verdadeira —, que presenteava famílias em dificuldade.

No Brasil, integralistas dos anos 1930 tentaram substituir o Papai Noel importado pelo

Vovô Índio, legítimo produto nacional, vestido com penas de passarinhos coloridos e amigo das árvores. Não colou.

Melhor sorte teve a canção Noite Feliz, que nasceu a partir de um poema do padre austríaco Joseph Mohr, musicado por Franz Gruber e que, no Brasil, ganhou versão do padre Pedro Sinzig. Centenas de canções sobre o Natal foram compostas depois e gravadas pelas maiores estrelas da música, mas nenhuma captou o espírito da festa com tanta verdade.

Mais alguns dias e é Natal de novo. Ano passado foi um tempo de angústia, quando o vírus recrudesceu e voltou a atacar com força; mas, desta vez, estamos diante da esperança real de que não vai ser mais uma letra grega a nos perturbar a paz. Estamos na letra “o”, de ômicron, porque a ciência resolveu pular três monossílabos — mu, nu e xi — e na torcida para vir logo o ômega e acabar logo esse alfabeto terrível.

As luzes estão pela cidade, colorindo os dias de reflexão. Mais do que nunca, o futuro depende de nós. Feliz Natal.